RELATO DE EXPERIÊNCIA: A RODA DE CONVERSA "TECENDO MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO" NO III EHECO

Aparecida Maria Almeida Barros[1]
Elizabeth Madureira Siqueira[2]

Resumo: A *Roda de Conversa Memória e Educação* integrou o III EHECO realizado em Catalão-GO, entre 19 e 21 de agosto de 2015. Pretende-se nesse Relato de Experiência compartilhar as atividades da mesa organizada em dois blocos: na abertura, o primeiro momento teve a exposição, pela professora Beth Madureira, sobre pesquisas e acervos de memórias produzidos no espaço do GEM (Grupo Educação e Memória) em Mato Grosso. Em seguida, o segundo momento contemplou as falas alternadas de duas professoras – Edma Pires dos Santos e Suleima André Nicoletti, que atuaram na docência a partir da década de 1970, em Catalão, Goiás. Foi um momento especialíssimo, onde o público pode se inteirar das alternativas de produção de fontes no âmbito da pós-graduação e assistir aos depoimentos das professoras oriundas do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (CFPPC), onde se formaram e atuaram na docência e na formação de novos professores. A Roda de Conversa oportunizou aos participantes capturar diversas experiências no âmbito do cotidiano escolar, tanto no que concerne ao conteúdo quanto às diversas maneiras de ensinar. De modo especial essa experiência no espaço do EHECO foi elogiada por todos e revelou a pertinência de dar voz aos profissionais com larga trajetória na pesquisa, na docência e na educação escolar. Pela riqueza e originalidade das narrativas, indica as possibilidades de produção de novas fontes para a pesquisa em História da Educação.
Palavras-chave: Narrativas. Memórias. Centro de Formação de Professores de Catalão-GO.

EXPERIENCE REPORT: THE CIRCLE OF TALK " WEAVING EDUCATION OF MEMORIES " FROM III EHECO

Abstract: The circle of talk about memory and education integrated the III EHECO held in Catalão-GO between August 19th and 21th of 2015. It is intended in this experience report to share the activities from organizer table in two blocks: in the opening, the first moment there was the exposition, by teacher Beth Madureira, about researches and archives of memory produced in space of GEM (Memory and Education Group) in Mato Grosso. Following, the second moment contemplated the alternated talks of two teachers – Edma Pires dos Santos e Suleima André Nicoletti, who acted in teaching from the 1970 decade, in Catalão, Goiás. It was a very special moment, where the public could interact from the alternatives of source in the field of graduation and watch the testimony of the teachers coming from the formation center of elementary teachers of Catalão (FCOET), where they graduated and acted in the teaching and the formation of new teachers. The circle of talk gave opportunities to participants to capture many experiences within the school routine, being it related to contents or to the many ways of teaching. In a special way, this experience in the space of EHECO was praised and reviewed the relevance of giving voice to

1 Doutora e Mestre em Educação. Graduada em Pedagogia. Professo Adjunto na Universidade Federal de Goiás, vinculada à Unidade Acadêmica Especial de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Regional Catalão-UFG. Integrante do NEPEDUCA. Contato: cidaab@gmail.com

2Doutora em Educação e Mestre em História Social. Graduada em História. Autora de livros didáticos sobre a História de Mato Grosso, ensino médio. Auxilia com pesquisa e publicação de trabalhos que versem sobre a história das Instituições de Mato Grosso. Integra os Grupos de Pesquisa: Educação e Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMT, área da História da educação - GEM - e Centro Memória Viva do Centro-Oeste, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Contato: bethmsiqueira@gmail.com

professionals with great research record, at teaching and at scholar education. The richness and authenticity of narratives imply the possibilities of production of new research sources to the research in education history.
Key words: Narratives. Memories. Formation center of teachers from Catalão.

INFORME EXPERIENCIA: LA RUEDA DE HABLAR " TEJIENDO LA EDUCACIÓN DE RECUERDOS " NO III EHECO

Resumen: La memoria de la charla de la rueda y la Educación se unieron a la III EHECO celebrada en Catalão-GO, entre el 19 y 21 de agosto de 2015. Se pretende que la experiencia Informe de compartir las actividades de la mesa organizada en dos bloques: la apertura, la primera vez que tenía la exposición, el profesor Beth Madureira en la investigación y colecciones de recuerdos producidos dentro del GEM (Grupo de Educación y Memoria) en Mato Grosso. A continuación, la segunda etapa incluye las líneas alternas de dos profesores - Edma Pires dos Santos y Suleima André Nicoletti, que trabajaban en la enseñanza de la década de 1970 en catalán, Goiás fue un momento muy especial, donde el público puede aprender fuentes de alternativas de producción de post-grado y ver los testimonios de maestros provenientes del Centro de Formación del Profesorado de Catalão Primaria (CFPPC), donde se graduó y trabajó en la enseñanza y la formación de nuevos profesores. La rueda de conversación brindó la oportunidad a los participantes para capturar diversas experiencias dentro de la rutina de la escuela, tanto en lo relativo al contenido y las diversas formas de enseñanza. En particular, esta experiencia dentro de la EHECO fue elogiado por todos y puso de manifiesto la importancia de dar voz a profesionales con una amplia trayectoria en la investigación, la enseñanza y la educación. La riqueza y originalidad de la narración indica las fuentes de nuevas posibilidades de producción para la investigación en Historia de la Educación.
Palabras clave: Narraciones. Memorias. Centros de Formación de Profesores Catalão-GO.

Pra início da prosa

Barthes, no magnifico tratado sobre o "Prazer do Texto" explicita que o

> *Texto* quer dizer *Tecido*; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido nessa textura o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. [...] poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (*hyphos* é o tecido e a teia da aranha). (BARTHES, 1987, p. 82).

Esta definição nos parece apropriada ao exercício da narrativa, dadas as particularidades e adequações próprias do contexto e suas finalidades. Partilhamos com o autor, o argumento em epígrafe, no qual um texto não está dado, sua estrutura tem influência de distintos fios, daí a ideia de tecido e teia, no entrelaçamento de interesses e motivações que permeiam as narrativas, no que expressa de originalidade, releitura, sentidos e sínteses. Então, concordando com Barthes, o texto

tecido, a montagem da narrativa textual implica na composição de uma trama de fios e cores, compondo uma urdidura estruturante da peça que se pretende obter. Ao utilizarmos nessa "trama" textual o recurso da narrativa indireta, permeada por fragmentos de falas, mimetizamos nuances e interfaces do que fora *experienciado* nas exposições dos diferentes sujeitos, colocamo-nos na condição de partícipes da construção de novos sentidos, instigamos novos olhares, nos diluímos na totalidade de vozes, impressões e expressões. Mais que um conteúdo inédito, este "tecido narrativo" pretende imprimir pistas sobre possíveis reflexões e construtos que singularizaram a Roda de Conversa, admitindo a polissemia de percepções que aproximam sujeitos fontes, pesquisadores, professores e alunos em formação da temática proposta "Memória e Educação".

A experiência com organização de acervos de memórias e a produção de novas fontes para a pesquisa em História da Educação no Centro Oeste vem sendo exercitada em diferentes grupos de pesquisas vinculados à Pós-graduação, o que têm subsidiado projetos desde a iniciação científica até dissertações, teses e estágio Pós-doutoral. Com trajetórias distintas, tal investimento está potencializando o aprofundamento de estudos, assim como a descoberta de novos sujeitos e vozes, ora silenciados pelo esquecimento, ora por supostamente permanecerem à margem do status acadêmico. Temáticas alusivas aos lugares de memória, produção de novas fontes e os mecanismos de guarda e preservação de acervos tem atravessado as edições anteriores do Encontro de História da Educação da Região Centro Oeste, com distintas contribuições para o debate na área.

Motivados pela oportunidade de reunir profissionais com experiência na docência e na pesquisa, os organizadores do III EHECO, em Catalão, incluiu na programação oficial do evento, uma mesa no formato de Roda de Conversa, tendo como temática "Memória e Educação". O presente relato tem por objeto socializar essa experiência, caracterizando-a nas diferentes atividades realizadas no decorrer da mesa, trazendo aspectos que marcaram a atividade, demarcando a sua pertinência enquanto oportunidade de produzir fontes originais para a pesquisa em História da Educação, no diálogo com as narrativas e depoimentos de professores. Recortado por fragmentos, impressões e releituras, o Relato é, em essência, uma narrativa sobre narrativas, tornando explícito o enraizamento e envolvimento das relatoras com a atividade produzida e seus sentidos iniciais.

Definições para o rumo dessa prosa: a Roda de Conversa

Na fase preparatória das atividades do evento, quando do interesse em constituir um momento para acolher Memórias e Educação, inicialmente discutiu-se a possibilidade de reunir, numa mesma atividade, professores e professoras oriundos de diferentes espaços de formação, por

haver no sudeste goiano, desde o início do século XX, escolas normais e de magistério, destinadas a formação de professores primários. Ao localizar, apenas na cidade de Catalão, cerca de quatro unidades formativas, uma privada vinculada a uma ordem religiosa católica e três mantidas por recursos e proventos públicos (da federal e estadual) - Colégio "Nossa Senhora Mãe de Deus" (1921), Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (1960), Colégio Estadual "João Netto de Campos" (1972), Colégio Estadual "Anice Cecílio Pedreiro" (1990) -, contatou-se a impossibilidade de aglutinar em uma única atividade com duração aproximada de duas horas, signatários de tantas escolas e projetos de formação. A alternativa de refinar a seleção de potenciais convidados por categoria ou função docente – professoras alfabetizadoras, professoras formadoras – implicaria em outro leque de dificuldades, de igual abrangência. Em reunião da equipe organizadora, decidiu-se por direcionar os convites a professores oriundos de uma única instituição pública, extinta em 1983. Em princípio, escolhemos professoras aposentadas, num total de seis, cuja formação e atuação docente tivessem iniciado ou passado pelo Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (CFPPC). A formalização da atividade foi viabilizada mediante a confirmação daquelas que teriam disponibilidade na data: três confirmaram, sendo que uma, por motivo de saúde, não pode comparecer no dia do evento.



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.

No entrelaçamento dos fios históricos, temos o Campus da Regional Catalão da UFG, instituição que sedia o III EHECO, localizado onde originalmente abrigou todo o complexo do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (CFPPC). O Centro foi instalado nesta área nos primeiros anos da década de 1960, permanecendo em funcionamento até meados de 1983 quando, após ser desativado teve seus arquivos transferidos para uma escola estadual próxima, no

mesmo bairro. As antigas instalações foram cedidas para a Universidade Federal de Goiás que procedeu ao processo de interiorização, trazendo cursos de licenciaturas a partir de 1985. Como se dá a perceber, os fios visíveis e invisíveis de memórias e trajetórias envolvem o lugar, a instituição e muitos sujeitos, como poderá ser acompanhado ao logo do Relato.



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.

O espaço onde se realizou a Roda de Conversa Memória e Educação teve como palco o mini auditório Profa. Lívia Abrahão do Nascimento – nome dado em homenagem póstuma a uma professora, educadora, contadora de histórias que atuou em escolas estaduais e na universidade, formando gerações de professores. O ambiente, ornamentado com colchas de retalhos compondo um mosaico desalinhado em cores, formas e tamanhos, livros, móveis e objetos referentes à cultura regional, contou com a supervisão criteriosa e dedicada da nossa ilustre visitante, expositora e também coordenadora da mesa, "Beth Madureira".

A mesa ambicionou reunir, na mesma atividade, distintas experiências de pesquisas, produção de fontes e relatos de sujeitos fontes. Para tanto foi projetada em dois blocos com formato e conteúdo distinto, porém, com o fio condutor da temática proposta. A coordenadora, profa. Beth Madureira conduziu a exposição do primeiro bloco sobre a produção de fontes orais e organização de acervos em Mato Grosso, enquanto a coordenadora, profa. Cida Almeida conduziu o segundo bloco, com as professoras goianas.

No primeiro bloco da mesa, a experiente pesquisadora sênior, profa. Elizabeth Madureira Siqueira abriu as atividades com um brilhante relato sobre pesquisas produzidas no âmbito do Grupo de Estudos Educação e Memória (GEM), vinculado ao Programa de Pós-graduação em

Educação, da UFMT. Apresentou um balanço do investimento de pesquisas no campo da História da Educação, utilizando-se da História Oral como metodologia e como alternativa para a produção de novas fontes. Com larga experiência em pesquisas, organização de acervos, arquivos e catalogação de fontes, a pesquisadora mostrou aos presentes algumas formas de organizar e preservar fontes orais, por meio de acervos digitais, transcrições em textos, assim como imagens.



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.

Na oportunidade fez um passeio pelos principais historiadores clássicos no Mato Grosso, obras e fontes de maior circulação e, em seguida, expôs um balanço da História Oral na Educação Mato-grossense, situado na primeira metade do século XX, entre os anos de 1920 e 1950, cujo projeto resultou num acervo constituído por quarenta e duas entrevistas realizadas com trinta e dois entrevistados, perfazendo um total de trinta e cinco fitas cassete e vinte de nove fitas de vídeo. Além do potencial de pesquisas realizadas e em andamento, essas fontes deram origem ao livro, *Voz dos Professores* – lembranças dos professores e alunos Mato-grossenses (1920-1950), organizado na forma de coletânea por Gonçalves, Palhares e Siqueira (2007).

> A obra consubstancia uma série de entrevistas realizadas com antigos professores e alunos de Mato Grosso. Fruto de projeto desenvolvido pelo Grupo Educação e Memória – GEM/IE/UFMT e também pelo NDIHR/UFMT, o livro procura, através da relembrança de antigos docentes e discentes, oferecer uma gama expressiva de informações sobre a cultura escolar de Mato Grosso entre os anos de 1920-1950. Ao todo, são 12 personalidades entrevistadas que revelam importantes aspectos da história de Mato Grosso neste período, com especial enfoque ao cotidiano escolar, à carreira e à profissão docentes que, somados à documentação escrita e iconográfica, possibilitam uma reescrita da trajetória educacional de Mato Grosso na primeira República. (GONÇALVES, PALHARES e SIQUEIRA (orgs.) 2007, capa).

A expositora também exibiu alguns vídeos com depoimentos de professores, funcionários e gestores da educação em Mato Grosso, em diferentes épocas e espaços, revelando a pertinência das fontes orais para a pesquisa no campo da história da educação. Esse bloco introdutório da mesa serviu para socializar aos participantes, não apenas o empreendimento de pesquisas, assim como as aberturas e possibilidades de dar voz aos sujeitos fontes em distintas temporalidades e espaços, tendo em vista a produção de acervos de memória, a captura e a preservação das fontes por meio de diferentes mecanismos.



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.

A riqueza e a diversidade de fontes produzidas tendo como matéria prima a oralidade tem sido um investimento profícuo da Pós-graduação em Educação na UFMT, capitaneado por projetos de pesquisas vinculados ao GEM. A mostra trazida pela pesquisadora ao III EHECO é uma demonstração da relevância de se recorrer a diferentes sujeitos da educação para conhecer nuances, faces e caraterísticas singularizadas nas vivências e nos saberes da experiência histórica de indivíduos, relacionadas aos processos formativos, à profissionalização, às instituições e à sociedade.

A exposição da experiente pesquisadora profa. Beth Madureira contagiou os presentes. Cada referência, sujeito, fonte, fragmento de entrevista, imagem e vídeo oportunizaram novos aprendizados aos pesquisadores em formação. Ao encerrar o bloco, a expositora adiantou que alguns exemplares do livro mencionado seriam sorteados aos que permanecessem no recinto após concluir as atividades da Roda de Conversa.

Na continuidade, encaminhamos o segundo bloco, no qual tivemos a presença de duas professoras aposentadas que se prontificaram a fazer suas exposições. A recepção das convidadas que, ao se apresentarem explicitou ter em comum a experiência de formação e atuação profissionais no espaço do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão (CFPPC) e no Grupo Escolar Modelo – uma Escola de Aplicação anexa a esta instituição, com a finalidade de campo de estágio dos professores cursistas, para a experimentação das situações práticas apreendidas no curso de formação para o magistério. Suas percepções de docência enquanto professora-aluna-professora em diferentes épocas nos dois espaços de formação e aplicação ocupariam o centro do debate, atravessando diferentes momentos das falas e intervenções.



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.
(Profa. Edma Pires dos Santos, Profa. Suleima André Nicoletti e Profa. Beth Madureira Siqueira.)

A poética da doceira poetiza goiana Cora Coralina brindou a recepção das convidadas, as professoras Edma Pires dos Santos e Suleima André Nicoletti e dos presentes no segundo bloco da Roda de Conversa.

A Escola da Mestra Silvina

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.

Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal — sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.

A gente chegava "— Bença, Mestra."
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

[...]

Num prego de forja, saliente na parede,
estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela.

[...]

E a Mestra?...
Está no Céu.

Cora Coralina

Duas professoras, sujeitos fontes, a começar pelo momento em que foram convidadas acolheram de maneira carinhosa e exultante a oportunidade de serem lembradas, estando agora na condição de aposentadas, o que sugere quase sempre um lugar de esquecimento, por estarem "inativas" e, portanto, à margem das questões que ocupam a cena educacional na atualidade. Expressa a visão de uma das expositoras a respeito da atividade na mesa:

> Então é bom mexer, tirar as coisas do baú sabe, e lembrar que aquele objeto ali, passou pela sociedade, por uma comunidade, fez alguma coisa e marcou a história dele, e eu acho até que também marquei a história do centro de formação, eu ajudei a fazer história. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015)[3].

Propusemos e repassamos a elas um roteiro aberto com questões orientadoras para o que chamamos popularmente de um "bate papo", ou *goianamente* falando "um dedo de prosa". Questões a respeito da opção pelo magistério, da decisão em tornar-se professora; de momentos marcantes e significativos na trajetória profissional; do cotidiano de formação e atuação docentes; de marcas do processo formativo; de episódios de criação, resistências, transgressões; sobre a valorização e status do professor na sociedade; no retrospecto, como pensa e vê a educação, o professor na atualidade; da experiência de virar a página, fechar o livro e encerrar a carreira, colocando-se na condição de aposentadas, deu o tom para as memórias e interações com as professoras convidadas.

A Roda de Conversa e os desdobramentos da trama

A tarefa de sistematizar esta primeira síntese da Roda de Conversa com o tema Memórias e Educação, mostrou-se um desafio, diante da diversidade e riqueza das Fontes Orais. De imediato nos deparamos com a dificuldade em focalizar um recorte, diante do volume de informações produzidas nas narrativas das professoras. Abarcar toda a complexidade desta teia de variáveis seria objeto para uma obra de maior amplitude. Logo, fez-se necessário eleger um foco que atendesse ao formato de um Relato de Experiência sem, contudo perder as linhas gerais, dimensionando a totalidade da atividade acadêmica.

Ao conceituar a História Oral, Gwyn Prins (in.: BURKER, 1992) esclarece que

> Os historiadores das sociedades modernas, industriais e maciçamente alfabetizadas - ou seja, a maior parte dos historiadores profissionais - em geral são bastante céticos quanto ao valor das fontes orais na reconstrução do passado. [...] admitir a historia oral [...] como uma ilustração agradável e util.(p. 163).

3Todas as referências e citações alusivas às falas das professoras na Roda de Conversa foram mantidas apenas com a identificação da mesa, sem nominar individualmente as convidadas.

O autor exorta que, a despeito do ceticismo das sociedades modernas e dos historiadores clássicos em relação ao valor das fontes orais, questiona a prevalência das fontes escritas como preferenciais para o pesquisador, cita exemplos de sociedades ágrafas, com predominância da oralidade ou outras formas de expressão/comunicação. Atesta a pertinência e utilidade das fontes orais na captura de aspectos históricos em distintos espaço e tempo. Ao colocar em questão o que se convencionou nas resistências quanto ao uso de fontes orais, (o autor) aponta uma possível explicação que situa a profundidade e extensão das posturas e afirmações: *Os historiadores vivem em sociedades alfabetizadas e, como muitos dos habitantes de tais sociedades, inconscientemente tendem a desprezar a palavra falada. Ela é o corolario de nosso orgulho em escrever e de nosso respeito pela palavra escrita*. (PRINS in.: BURKER, 1992, p. 167).

Esclarece que nas sociedades alfabetizadas há uma tendência em esquecer detalhes da oralidade, perdendo, potencialmente, a riqueza de traços culturais, de costumes, práticas e experiências que em geral, por alguma razão, não constitui em objeto dos registros escritos. Tudo o que não tivera, em seu tempo, expectativa de registro escrito ou imagético, tem a via oral a melhor que se apresenta na captura de impressões e reflexões, por parte de sujeitos-fontes. Nesse sentido, hierarquizar ou classificar a natureza das fontes é algo discutível e questionável, na visão do autor.

Conceber a História Oral como uma forma de se obter e produzir fontes históricas onde não há – ou não esteja acessível – outras formas de registros ou documentos que atestem a ocorrência de determinados episódios. Sobretudo aqueles que, de algum modo, ou por alguma motivação, não tiveram, em sua época, o devido interesse ou oportunidade de serem captados por meio de algum registro. Considerar a narrativa oral como alternativa para o levantamento de informações históricas permite ao pesquisador induzir registros e, portanto, produzir novas fontes históricas. Por extensão, abre-se a possibilidade de novas interpretações e atribuição de sentidos, favorecendo a escrita de recortes e de versões históricas sobre um dado fenômeno ou objeto.

No tema em questão, Memórias e Educação constituiu em espaço para que professoras aposentadas produzissem narrativas orais, tendo como objeto os processos formativos e a trajetória de atuação docente em diferentes espaços e tempos históricos. Ao serem instigadas a explicitarem o retrospecto destas trajetórias e como veem a atualidade da educação e da formação de novos profissionais, estabeleceram pontes de reflexão em que a experiência vivida no campo da docência serviu de referência para pensar o fazer e os nexos com a opção pela carreira docente, suas implicações e complexidades.

> A criação hoje é diferente. Eu vejo pelos meus filhos o tanto que foi diferente da minha. Hoje estou vendo meus netos, meus sobrinhos, netos, que é tudo diferente. Não tem um mínimo limite, não tem uma regrazinha sequer, sabe. Eu acho que não é nem tanto o céu nem tanto a terra, mas tem que haver um mínimo de limite, né gente. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Diante do enorme espectro produzido ao longo das falas, das interações e questões oportunizadas na mesa, que extrapolaram os limites deste Relato, selecionamos arbitrariamente, alguns indicadores que chamamos de eixos narrativos discursivos que nos remetem a outras tantas possibilidades futuras. Reconhecemos, todavia, o caráter parcial e provisório, mas indicamos três aspectos centrais que, na nossa leitura, teriam marcado as narrativas das memórias de educação induzidas na e pela mesa, conforme exposto a seguir.

1. Quanto ao formato da atividade Acadêmica Científica

A Roda de Conversa possibilitou que as questões fossem expostas com alternância das falas, a desenvoltura e a empatia e interlocução com o público se deu de modo espontâneo, na forma de diálogo entre as convidadas, com questionamentos e interações delas com os participantes. *Bom dia gente, eu estava comentando ao subir aqui, eu sou uma pessoa tímida! Mas eu deslancho quando estou diante do quadro, do mapa, com o giz na mão e os alunos. Ai a timidez desaparece.* (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Pressupõe uma relativa ruptura com algumas formalidades do protocolo acadêmico, conferindo uma dinâmica de participação mais espontânea e despojada entre os sujeitos, favorecendo a interatividade com o público presente. A abertura de espaços nos eventos científicos para a audiência de outras vozes potencializa o compartilhamento de experiências, assim como a valorização destes sujeitos para além da apropriação de fontes de pesquisas. Ao trazê-los para uma atividade científica como partícipes das discussões, atribuímos-lhes um lugar de reconhecimento e de referência na socialização das experiências, na demarcação de diferentes olhares e visões dos processos formativos e da atuação docente. Tal iniciativa permite problematizar alguns cânones e até rótulos historicamente convencionados a respeito de determinadas prescrições e práticas, assim como descortinar novas possibilidades de interpretação a respeito do fenômeno educativo.

Sobretudo no que se refere ao saber da experiência, forjado em distintas circunstâncias, abrem-se vias para a caracterização de aspectos da docência, da significação e apropriação conceitual em práticas que nem sempre é objeto de registro intencional, por serem talvez,

desvalorizadas e desprestigiadas, permanecendo na invisibilidade ou ocupando as margens dos cânones acadêmicos.

2. Quanto a abertura para a memória histórica

As memórias das convidadas, Edma Pires dos Santos e Suleima André Nicoletti, tiveram como fio condutor, a passagem de ambas pelo Centro de Professores Primários de Catalão, entre as décadas de 1960 e 1970. O fazer profissional enquanto docentes em diferentes instituições de ensino teve o referencial propagado por este espaço de formação. A recepção às professoras, assim como o desenrolar de suas memórias na composição da mesa, foi perpassada por momentos de emoções e interação com o público, despojadas da formalidade e rigidez dos protocolos acadêmicos, porém, com elegância e distinção, acolheram a proposta, instigando o debate de questões atuais da docência e da escolarização.

Os fios e nexos entre sujeitos: Edma foi aluna de Suleima, e ambas conduzidas por Suely da Paixão, sendo por ela dirigidas ao assumirem as tarefas de formação no mesmo espaço onde foram alunas e receberam a certificação do Magistério. No exercício profissional tiveram a oportunidade de atuarem no mesmo espaço da Escola de Aplicação, anexa ao CFPPC. Nos desdobramentos da docência também foram professoras de alguns participantes que estavam no evento, derivando em interações e interlocuções inusitadas e surpreendentes.

> Quer dizer, no nosso tempo, no meu tempo como professora, enquanto eu fui aluna, eu ficava comparando, (o professor) era muito respeitado, a gente tinha um respeito, e a gente tentou não seguir o exemplo, num é bem seguir o modelo, porque a gente também num é bonequinho lá de fantochinho. Mas assim, a gente tinha, no caso da gente, inculcado alguns valores que esses professores passavam pra gente, não é, Suleima. Apesar do Centro de Formação cobrar da gente assim uma série de normas, de regras. A gente aprendeu a trabalhar dentro de regras e normas, eu acho que é isso, [...] (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

A onipresença do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão e da antiga diretora, profa. Suely da Paixão, como uma referência de formação e docência na vida das professoras: em diversos momentos de fala, as professoras expressam a importância e referência positiva qualitativa do CFPPC no processo formativo individual, mas, sobretudo, atestam essa referência na formação de distintas gerações de professores em Catalão e região. O padrão, o zelo, o rigor e a excelência da diretora Suely da Paixão são mencionados em diferentes falas e momentos.

> A gente via a parte teórica no Centro de Formação, tinha que fazer a prática no Grupo de Aplicação. [...] A gente era avaliada: roupa, se era muito colorida, curta, se era apertada, decotada, porque abaixava e os menininhos, né... o esmalte, discreto, rosinha, batom, brincos, (aparência pessoal). Nós éramos avaliadas desde o cabelo se tava limpo, corte da unha, limpeza da unha, pé, (postura do corpo) calçado, tom de voz. Era comportamento no recreio. Gente, a gente podia receber o namorado aqui! Só que tinha um professor na sala junto! (risos) E eu passei por tudo isso como aluna, depois, a bonitona foi ser professora, fazer a mesma coisa que os outros faziam com a gente. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Relembrar o passado vivido, com preocupações do tempo presente, numa dialética de significação, reflexão mimetizadas por desafios de outrora e recortadas por questões da atualidade. A relevância de se promover a aproximação de sujeitos em formação, jovens pesquisadores, pesquisadores sêniores e os sujeitos-fontes, na partilha de impressões e reflexões em torno da Educação, acerca dos processos formativos e vivências de atuação docente. A pertinência de recorrer às narrativas orais como mecanismos de reconstrução e ressignificação de memórias do passado. O potencial ainda ser explorado, apropriado e interpretado pelos pesquisadores da História da Educação, ao compor discussões coletivas com sujeitos-fontes, por meio das narrativas orais e escritas.

3. Quanto às marcas da docência e do processo formativo

As convidadas explicitaram algumas impressões e percepções enquanto profissionais que assumiram e escolheram a docência, desempenhando o seu melhor, em períodos distintos das últimas décadas do século XX e início do século XXI. É perceptível o sentimento de dever cumprido, assim como o comprometimento com o ofício docente. A afirmação dos aspectos positivos da formação e atuação profissionais docentes, incluindo os momentos em que são submetidas ao crivo da avaliação.

> [...] na avaliação pós-aula de demonstração, eu me lembro bem que a professora chegava pra me avaliar e falava assim, primeiro tinha de ser os pontos positivos. Sua aula foi boa por isso, por isso, por isso e por isso. Mas sua aula não foi boa por isso e por isso. Eu fico pensando o seguinte: eu me lembro bem de uma colocação dela [...] você deu muita atenção pro 'João Alfredo' e esqueceu um pouco os meninos. Porque tem de dar atenção para todos! Igualmente. Então, hoje, eu fico pensando, como foi legal, que hoje tem um tal de bullyng na escola, que muitas vezes, um aluno é discriminado, até pelo professor, [...] não só pelos colegas, [...] então, sem saber do bullyng, lá atrás, já foram me treinando pra não discriminar

> ninguém. A não separar ninguém. Pra tratar todo mundo com igualdade. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

CFPPC como agência primeira de formação, tido como instância que instruiu e direcionou o *habitus* professoral ao longo da trajetória docente, tendo marcado positivamente a qualificação e o perfil de docência de uma geração de professores, com efeitos e desdobramentos que se prolongaram, incluindo as décadas posteriores à sua extinção. A exaltação e elogios à base material, às condições físicas, materiais e pedagógicas abundantes, à disposição para o desempenho de suas funções e atribuições.

> O Material era fantástico, gente, o giz não esfarelava na sua mão, parecia um cigarro, sabe, um cigarro assim, bem elegante. Tá. Lindo! Apontador de lápis, caderno à vontade, cartolina, papel cartão. Cê podia inventar o que você quisesse. A oportunidade de criar era muito grande, porque era só pedir que o material vinha. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Predomina nas narrativas a ênfase na escolha da docência, a expectativa de ser e afirmar-se professora, ser o melhor e mais eficiente naquilo que se propuseram a fazer.

> Vocação? Não sei se eu tinha vocação não. Não sei! Não sei se eu tinha vocação, era a única coisa que eu tinha pra fazer. Eu só posso dizer pra vocês que eu, que a Educação, o Centro de Formação, o que eu vivi aqui, as experiências que tive aqui, me seduziram! Eu sempre gostei de dar aula! Eu me sinto à vontade, eu me sinto realizada, numa sala de aula diante dos meus alunos, do mapa, do quadro e do giz! Eu comecei assim! (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Na compreensão do exposto não haveria propriamente um *a priori* vocacional instituído, mas uma construção do ser professor que se fez no comprometimento com a formação e com a atuação docentes em distintas áreas e funções.

> trabalhei trinta e nove anos e oito meses na educação. Passei por todos os cargos de direção, coordenação; desde professora, de sala multisseriada, multigraduada ou de mestre único, olha, mestre com quinta série..., e depois disso, no dia da minha formatura aqui no Centro de Formação, dia 22 de dezembro de hum mil novecentos e setenta e dois (22/12/1972), a Diretora da Escola, Suely da Paixão e Silva, que Deus a tenha, me convidou pra voltar em fevereiro de setenta e três (1973), já como professora. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Ao realçarem esse retrospecto, ficou evidente o entusiasmo de ambas ao partilhar suas experiências e realçar a realização pessoal e profissional como professoras, por terem construído

uma carreira e, mesmo aposentadas, perceberem muitos indicativos de resultados deste trabalho, sobretudo por meio do sucesso de seus ex-alunos, na interação e reencontro com colegas.

> E a gente tinha motivação. Primeiro porque tinha assistência técnica, segundo que os alunos são dóceis, extremamente dóceis; terceiro, isso aqui (gesticula com os dedos sinal de dinheiro, grana). Eu recebia do Estado pra dar aula, e eu recebia uma gratificação da UNICEF, pra retornar à escola e preparar a aula, que era muito mais do que o que o Estado pagava. Além de contar com isso ai, material em abundância. Tudo o que eu queria eu tinha. Tudo. As crianças tinha tudo, caderno, lápis de cor, borracha, lanche maravilhoso, maravilhoso, era o paraíso. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Questões acerca do status e valorização do professor perante a sociedade foram problematizadas. A compreensão de que o professor dispunha de remuneração e suporte financeiro condizente com as atribuições executadas. Não faltavam recursos, contavam com bolsas e complementação salarial para desempenhar cargos e funções.

> [...] naquela época, os profissionais da cidade, considerados os maiorais '*bambam*' da cidade eram os bancários. E nós estávamos um pouquinho acima desses bancários pelos nossos salários. Nós ganhávamos três vezes o que ganha um professor hoje. Porque nós tínhamos o salário do estado que naquela época não era ruim, e nós ganhávamos duas vezes mais que era essa gratificação, do acordo MEC-USAID, através do Centrefor, sede em Goiânia. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

A visão da sociedade sobre os professores era diferenciada, revestida de respeito, distinção e reconhecimento. O tratamento dispensado ao professor pela sociedade e pelas famílias era distintivo, correlato a uma autoridade. São enfáticas ao evidenciar que o professor possuía maior autonomia e autoridade de ação e decisão no desempenho do ofício docente.

> O respeito era muito grande! Então, tem essa parte que você pergunta ai como era a valorização do professor, né. Eu acho assim, era muito valorizado. Todo mundo tirava o chapéu para o professor. Principalmente para os professores do Centro de Formação. Pra ser admitido numa Escola, olha, ela veio do Centro de Formação! Era uma referência! (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

O posicionamento crítico reflexivo dos sujeitos ao narrarem suas experiências e fazerem contrapontos com o contexto atual da educação, com liberdade e autoridade de expressão, sem a preocupação com a rigidez de um alinhamento teórico ou ideológico.

> Então, falam, e eu recrimino também a ausência da democracia, da liberdade na ditadura militar, mas a experiência que eu adquiri, o lugar que eu vivi, me marcou positivamente. Vieram aqui desmontar mural, porque achou que o mural era ofensivo, [...] (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

As falas constroem pontes, fazendo interlocuções com o processo formativo e com os desafios encontrados no cotidiano escolar, em situações práticas, revelam indícios de uma reflexão pontuada, assentada na experiência vivida, que instiga e provoca o debate de questões atuais.

O diálogo interpretativo reflexivo das professoras com as atuais gerações – educação e formação dos professores: ambas protagonizaram um processo formativo e uma atuação como profissionais da educação que atravessou décadas, notadamente entre o final da década de 1960 até a primeira década do século XXI. Ou seja, mesmo após se aposentarem oficialmente, permaneceram em sintonia, ocupando alguma atividade no campo educacional, sendo recente o desligamento definitivo. Sobre a atualidade da educação e da escola, levantam preocupações a respeito das mudanças, principalmente nas relações estabelecidas com os alunos e pais.

> Disciplina muito difícil. O aluno cheio de direitos e poucos deveres, é pais que não reconhecem o valor do professor, certo, não sei se os pais estão mais sábios ou tem mais conteúdo, e cobram mais do professor, e o professor tem pouco pra dar. Não sei, não sei. Tem hora que eu dou razão pro pai, tem hora que eu não dou. É complicado. Eu acho é que mudou muito, certo. Quando o professor tinha mais liberdade para atuar, ele era mais respeitado, mais valorizado, e o trabalho dele rendia muito mais. É isso. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

A narrativa do vivido rompe certas fronteiras ou condicionamentos de modelos instituídos. O confronto com a realidade e as decisões que se fazem necessárias diante de diferentes situações de percursos conferem aos sujeitos-fontes certo nível e liberdade intelectual que lhes permitem assimilar e ressignificar as contribuições de distintos campos teóricos, metodológicos sem uma preocupação de enquadramento a um único modelo.

> Quanto a valorização do professor eu acho que fica a desejar, pela sociedade, por parte dos órgãos governamentais, não valorizam a profissão, nem o profissional. Eu acredito que não valoriza, eu sinto isso. [...] Sobre a condição de aposentada, eu parei de trabalhar, efetivamente, há dois anos. Então eu percebi o seguinte, o professor não é mais aquele professor respeitado pelos pais, pelos alunos, pela coordenação, direção... Professor não tem mais autonomia na sala de aula, certo, é. Num pode fazer isso, num pode fazer aquilo, tem que fazer é assim. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Se por um lado, a referência de formação proporcionada pelo CFPPC seria, em princípio, um modo de padronização, explícita nas exposições das professoras, por outro, ao longo do exercício profissional, enquanto docentes em confronto com distintas realidades, agrega-se a essa

experiência outros referentes éticos, estéticos, valorativos que conferem autonomia de ação e decisão frente ao fazer educativo. Ao mesmo tempo reorientam os seus posicionamentos a respeito das demandas e desafios da educação.

> Eu apanhei demais! Mas eu aprendi! Ora que entrei pra alfabetizar, valeu a pena. Porque elas assistiam a minha aula. E elas retornavam e falavam, Suleima, vamos fazer assim, aquele aluno daquela forma, então foi legal. Essa primeira experiência foi muito complicada, e hoje eu vejo muitas vezes, alunos que saem da faculdade, pega uma turma, não consegue trabalhar com ela. Não consegue. Muitas vezes a realidade, a realidade do curso não condiz com a realidade real, entendeu, da escola, da sala de aula que te espera. Não sei se eu me fiz explicar. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Expectativa de que o tempo presente, o novo está em construção; que as novas gerações de professores têm muito a fazer pela educação e pela sociedade, ficam explícitas na fala de encerramento de uma das professoras:

> Aquela liberdade que ele (o professor) tinha em sala de aula, eu acredito, fazia render muito mais. Hoje ele é tolhido, muito. E não tem estilo também! Quantos alunos que saem faculdade começam a dar aula e, eu presenciei isso dai. Nem num quero mexer com isso não, Deus me livre! Cumé que ocê tá na educação até hoje? É só esse ano, vou procurar outra coisa pra fazer. Então eu acho que, isso ai tirou a motivação, tirou essa vontade de se dedicar ao magistério. Complicado. Eu acho que mudou bastante. Muito. Eu, quando eu comecei eu me sentia muito bem! Abracei a educação com tudo! (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

A dimensão do envolvimento, das afetividades, sensibilidades compartilhadas entre os participantes da Roda de Conversa, ao socializar suas memórias da educação, explicitam uma subjetividade captada nessa interação entre sujeitos, atestando a originalidade das fontes orais. As memórias são contagiantes, revestidas de saudosismo, mas, sobremaneira, instigam novos olhares, novas percepções acerca do fenômeno educativo, seus sujeitos e experiências.

Ao final a Roda de Conversa contou com uma participação especial da professora Diane Valdez (FE/UFG), declamando o poema/conto de Cora Coralina "As Tranças da Maria".



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.
(Profa. Diane Valdez / FE/UFG Interpreta o Conto As Tranças da Maria)

Novamente trazendo ao palco a poética goiana, na performance de uma professora e pesquisadora da História da Educação, o encerramento da Roda de Conversas prestou uma homenagem às convidadas e aos participantes do III EHECO, contagiando-os com o jeito goiano de aproximar linguagens, culturas, afetos e sensibilidades.

Para encerrar essa prosa

Do lugar de pesquisadores, interessados na constituição de bases de dados e no alargamento das fontes para a pesquisa em História da Educação, comprometidos com os diferentes trabalhos de orientação e de investigação no âmbito da Pós-graduação, inseridos nas questões que envolvem o cenário atual da Educação Escolar. Enquanto porta vozes da dimensão social do conhecimento produzido no sentido de problematizar e buscar respostas para os problemas referentes à profissionalização e atuação do professor na sociedade, as experiências de docências, as percepções de sujeitos-fontes acerca de suas trajetórias na educação podem auxiliar no preenchimento de lacunas que a produção científica do campo ainda não conseguiu responder. Além disso, potencialmente podem apresentar outras particularidades ainda não vislumbradas, ou que não foram suficientemente aprofundadas nos estudos realizados. Há um universo a desvelar, apreender e compreender, que os documentos oficiais e formais não abarcam, nem foram produzidos com tais características ou preocupações. A fonte é uma produção do pesquisador. As narrativas orais ou escritas provenientes das distintas experiências vividas são fontes históricas que potencializam o campo da pesquisa em História da Educação.

A Roda de Conversa Memórias e Educação confirmou a expectativa do III EHECO em abrir um espaço para a acolhida de novos diálogos sobre memórias e educação, na perspectiva histórica de um passado sempre presente, sendo proposta pela comissão organizadora e assumida por pesquisadoras de duas instituições, com distintas trajetórias na pesquisa em História da Educação em diferentes espaços e tempos na região Centro Oeste. Motivadas por um comum interesse em experimentar novas possibilidades de produção de fontes, trazendo para o espaço da academia sujeitos e protagonistas que, por vezes são acionados pelos pesquisadores no momento de coleta de dados e informações específicas, porém, no cenário dos debates e discussões em torno das questões de fundo; permanecem ocultos, em muitos casos figuram como coadjuvantes, não aparecem nem participam do debate acadêmico e científico.

> Então eu quero agradecer a faculdade na pessoa do professor Wolney, da Cida, da Elizabeth, de vocês, por ter dedicado esses momentos aqui, e ouvir as experiências que eu trouxe pra vocês, tá. Pra mim foram válidas, tá, e desejar pra vocês também, um seguimento na profissão que escolheu e sucesso. Que possam fazer uso daquilo que vocês acharem que é adequado. Porque é um trabalho com o ser humano, vocês não trabalham com máquinas, a gente sabe das dificuldades de hoje, e nós podemos mudar muita coisa, muita coisa, principalmente a gente que tua com criança, com adolescente, mesmo com adulto. A gente pode mudar. Muito obrigada!!! (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).

Desse modo, a Roda de Conversa trouxe para a cena do evento, sujeitos, vozes que produzem sentidos e interpretações da e sobre Memórias e Educação. São portadores de concepções, experiências e visões acerca da formação, da docência. Tecem reflexões sobre suas experiências docentes na educação escolar sob a ótica do presente crivado de marcas e vestígios do passado. *Numa palavra só, isso aqui faz a gente crescer. Porque não adianta a gente fazer tanta coisa e guardar né, pegar uma caixa e guardar, isso faz a gente crescer. Uma pena que não possa ter continuidade*. (RODA DE CONVERSA, III EHECO, 2015).



Fonte: Acervo de fotografias, III EHECO, 2015.

Incluindo esta Roda de Conversas na programação oficial, o III EHECO inovou ao ampliar esse formato de discussão acadêmica, abrindo espaço para a produção e indução de novas fontes para a pesquisa. Vale acrescentar que na sequência do evento o retorno informal dos participantes foi elogioso e altamente receptivo à Roda de Conversa como um componente que deva integrar as próximas edições do Encontro de História da Educação da Região Centro Oeste, atestando o acerto na escolha e na ousadia da mesa realizada.

Nesse sentido, Memórias e Educação do III EHECO fortalece a abertura para a produção de novas fontes e na aproximação de diferentes sujeitos-fontes no debate de questões de interesse comum da área, dentre as quais, a historicidade da docência e dos processos formativos. Ao apontar possíveis eixos suscitados na discussão desencadeada na Roda de Conversa, enxergamos numa massa documental interessante que instiga novos olhares e análises. A transcrição das falas das expositoras na Roda de Conversa já reúne indicativo para novas escritas e leituras. Por fim, este Relato de Experiência é síntese prenhe de outras tantas possibilidades e novos olhares, reforçamos os fios de uma teia narrativa acolhida de diferentes sujeitos e distintas visões, interpretamos e reinterpretamos os sentidos, tecemos novos fios, com outros tons e formas. Instigamos a curiosidade investigativa para que as Memórias e Educação que tiveram lugar na Roda de Conversa sejam conhecidas e aprofundadas com outros sujeitos, com outras descobertas e desdobramentos.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto & BOLIVAR, António (orgs.) **La investigación (auto)biográfica em educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BARBOSA, Roldão Ribeiro**. O uso da História Oral na pesquisa em Educação.** In: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro. *2010/GT.10/GT.*

BARTHES Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

BOLÍVAR, António. Narrar la Organización Educativa: memoria institucional y constitución de la identidade. In.: ABRAHÃO, Maria Helena Mena Barreto & BOLIVAR, António (orgs.)

La investigación (auto)biográfica em educación: miradas cruzadas entre Brasil y España. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. (p. 330-355).

BURKE Peter (org.) **A Escrita a historia: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. Tradução de Magda Lopes.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1995, 16ª ed.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História Oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**, n. 1, p. 19-30, jun. 1998.

GONÇALVES, Marlene. PALHARES, Nicanor e SIQUEIRA, Elizabeth M**. Lembranças de Professores e Alunos Mato Grossenses** 1920-1950. Cuiabá, EDUFMT, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Coordenador Geral do III EHECO. Encontro de História da Educação da Região Centro Oeste. UFG, Catalão, Goiás, 19 a 21 de Agosto de 2015.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como fonte**: problemas e métodos. Tese (Doutorado em História) – PRCRS, 2011.

PRINS Gwyn. História Oral. In.: BURKE Peter (org.) **A Escrita a historia: novas perspectivas**. Sao Paulo: Ed. UNESP, 1992. Tradução de Magda Lopes.

RODA DE CONVERSA: Memória e Educação. III EHECO. Encontro de História da Educação da Região Centro Oeste. UFG, Catalão, Goiás, 19 a 21 de Agosto de 2015.

VALDEZ, Diane. Declamação do Conto inspirado em "As Tranças da Maria..." In.: CORALINA, Cora. Poema dos Becos de Goiás e Histórias Mais, SP: Global, 1965, p 68.